



**A crise capitalista se agrava e os assalariados
a sentem sobre os salários, empregos e direitos**

SOMENTE SE COMBATE DE VERDADE A BURGUESIA DIREITISTA E SEUS GOVERNOS COM A LUTA DE CLASSES!

 A inflação nos alimentos e na moradia continua crescendo. Há uma tendência geral ao aumento dos preços dos alimentos, seja pela crise climática, pela tragédia no Rio Grande do Sul, ou pela prioridade das exportações sobre o consumo interno. Os assalariados sentem a carestia de vida. Setores se levantam contra ela. Como os servidores da Educação federal, em greve há dois meses, lutando contra o arrocho salarial, reforçado pela proposta de reajuste zero para o presente ano. Ainda na educação, professores e funcionários da rede estadual de ensino do Paraná erguem uma luta contra a privatização da gestão das escolas, mesmo plano que se pretende em São Paulo. Com a crise capitalista, os governos sucateiam e destroem os serviços públicos, e submetem os que restam à iniciativa privada, para gerar lucro para os capitalistas.

A crise econômica mundial, que se manifesta na guerra comercial entre EUA e China e nas manifestações bélicas – na Guerra na Ucrânia e na Faixa de Gaza –, também impactam na economia brasileira. Todos os governos burgueses, de esquerda ou de direi-

ta, buscam aplicar a mesma fórmula de austeridade fiscal, o que significa estrangular o orçamento para os serviços sociais, enquanto fazem jorrar centenas de bilhões para sustentar os juros das Dívidas Públicas.

A classe operária no país e no mundo continua a enfrentar o rebaixamento salarial e o desemprego, que só não é oficialmente maior porque os capitalistas empregam cada vez mais de forma precarizada, sem direitos trabalhistas; é outra forma de reduzir o valor da força de trabalho.

Enquanto sofrem os assalariados, as direções políticas das organizações dos explorados continuam a apostar na saída eleitoral. Recusam-se a organizar as lutas e a se utilizar dos métodos da ação direta (greve, manifestações, atos, ocupações e bloqueios de ruas e avenidas) para garantir a conquista de empregos, salários e direitos. Utilizam-se do discurso que as lutas não podem radicalizadas, porque isso poderia fortalecer a extrema direita, quando na verdade é a passividade, a falta de iniciativa política, de ações radicalizadas nas ruas que fortalece a extrema direita, que vai impondo medidas de ataques reacionários sobre as condições

de vida e trabalho, capta o descontentamento das massas e transforma em promessas eleitorais vazias. É com a luta de classes que se combate a direita fascistizante. É com a luta de classes que se arrancam as reivindicações que defendem a vida das massas.

Quanto mais próximo nos aproximamos das eleições municipais no Brasil, mais as direções políticas substituirão o método próprio da classe pela defesa das saídas parlamentares e judiciais. Não podemos cair nessas mentiras. É com luta que defendemos nossos salários e nossos empregos. **É hora de organizar as assembleias de base, levantar as reivindicações e lutar contra governos e capitalistas, que juntos querem impor a crise capitalista sobre as costas dos trabalhadores.** ●

**Temos de nos apoiar nas greves,
nas manifestações de rua,
nas ocupações de prédios,
nos atos massivos para impor
a defesa de nossas vidas, contra
a barbárie que o capitalismo
em declínio só tem a oferecer.**

Enchente catastrófica no Rio Grande do Sul expõe crimes da burguesia e de seus governos

Os explorados têm sua resposta própria: precisam se organizar para colocá-la em prática

 As mortes e desaparecimentos de centenas de pessoas no estado do Rio Grande do Sul, assim como a destruição da maior parte de sua produção agrária, e afetando pelo menos 80% de suas indústrias, causadas pela maior enchente da História, ocuparam o cen-

tro das atenções no País por 40 dias. Os governos e parlamentares procuraram imediatamente esconder suas responsabilidades. Empresas de comunicação, bancos, indústrias, comércio, ofereceram links para doações em dinheiro, supostamente aos necessitados. As massas reagiram com forte

solidariedade. A burguesia e seus governos se empenham em afirmar que a causa da destruição e mortes é uma catástrofe natural.

Mas a burguesia é a grande destruidora da natureza. Durante 200 anos, poluiu o mundo sem restrições. A chamada “proteção” continua | →

do meio ambiente” passou a ser mais uma fonte de lucros e de corrupção.

As metas de redução de poluição não foram alcançadas. Ao contrário, apesar de alguns passos na redução de emissões, a produção de petróleo e seus derivados tem crescido mundialmente.

O mundo está afetado completamente pelas mudanças climáticas. O que é diferente, e muito, são as consequências em cada país, assim como as ações de prevenção e combate aos eventos. Também é bem diferente a ação governamental quando se trata de gente rica e de gente pobre.

No Congresso Nacional, há pelo menos 25 projetos de lei e 3 emendas constitucionais que propõem anistia para desmatadores, redução de reserva legal da Amazônia, redução da fiscalização ambiental, facilitação da grilagem de terras e licenciamento autodeclaratório. Cerca de 500 pontos contra inundações foram cortados do Código Ambiental do Rio Grande do Sul pelo governador Eduardo Leite. A Prefeitura de Porto

Alegre não gastou nem mesmo um real dos R\$ 428 milhões destinados a prevenção de enchentes em 2023. Esses dados provam a responsabilidade de governos e parlamentos pelas consequências das enchentes. O “estado mínimo”, defendido pelos políticos de direita, leva à inação do Estado para enfrentar catástrofes como as enchentes.

As organizações das massas (sindicatos, etc.) agiram em colaboração com o assistencialismo governamental. Ou seja, abriram postos de arrecadação de alimentos, roupas, etc. Aderiram às respostas da burguesia e de seus governos às enchentes. O assistencialismo é uma das bases da colaboração de classes. Embora a atitude das massas, de solidariedade e esforço em ajudar as vítimas das enchentes, seja progressivo, esses esforços, quando manejados pela burguesia e seus governos, servem para beneficiar os exploradores, que tiram todo proveito possível da situação.

A resposta independente dos assalariados e suas famílias passa

pela organização de um movimento coletivo, de uma mobilização que se organize a partir das exigências e reivindicações que expressam as suas reais necessidades. Organizar as assembleias populares em bairros afetados, discutir e deliberar as reivindicações e os métodos de luta para conquistá-las. Apontar os governos como grandes responsáveis pela tragédia, e impor a eles um plano de medidas contra as enchentes. Exigir um plano de obras públicas para resolver os problemas mais urgentes da população e os meios e infraestrutura de prevenção, sob controle dos trabalhadores. Garantir os empregos e salários dos explorados, se necessário, por meio da ocupação de fábrica e controle operário da produção. A organização independente das massas e de sua mobilização por meio da luta de classes deve canalizar as energias dos que apoiam os atingidos pelas enchentes para uma saída que imponha a derrota à burguesia e seus governos, os que são de fato culpados pela tragédia. ●

Oito meses de genocídio sobre os palestinos

A classe operária tem de agir com a força coletiva para ajudar na derrota mundial do sionismo



No sábado 8/06, no campo de refugiados Nuseirat, aconteceu um operativo militar de Israel para libertar 4 reféns. Foram massacrados 283 palestinos e 698 ficaram feridos. Os soldados sionistas entraram no acampamento escondidos em um caminhão de ajuda humanitária, sabendo que os palestinos iriam deixá-los passar. Usaram o cais construído pelos EUA supostamente para a entrega de ajuda humanitária, e ali se organizaram para realizar o novo massacre. Ficou claro que o cessar-fogo apresentado pelos EUA no dia 31/05 serviu de cobertura e disfarce ao mais novo ataque de genocídio dos palestinos.

São 8 meses de holocausto palestino. Foram massacrados 37 mil palestinos e mais de 80 mil foram feridos ou mutilados. Milhares estão morrendo de fome, sede e doenças, porque os Estados Unidos e Israel impossibilitam a entrega de medicamentos, água e comida. Gaza virou um campo de concentração, onde os palestinos são exterminados. Entretanto, os governos imperialistas continuam vendendo armas e fornecendo recursos aos genocidas. Alguns governos denunciam os massacres, mas não rompem as relações comerciais. Um exemplo disso é o governo de Lula, que denunciou o genocídio, mas continua enviando petróleo para Israel, tornando-se na

prática cúmplice do genocídio.

Os explorados no mundo todo estão ao lado dos palestinos. A classe operária brasileira deve cavar sua trincheira junto às massas que se movimentam no mundo todo para pôr fim ao genocídio. Com manifestações de rua, ocupações e paralisações, erguendo as reivindicações e com luta de classes, assim pode impor ao governo Lula que rompa imediatamente todos acordos do Brasil com Israel. ●

Estrangular também em nosso país o sionismo, que massacra os palestinos! Palestina Livre do Rio ao Mar!

PALESTINA

Pela derrota do sionismo e do imperialismo

UCRÂNIA

Derrota militar da OTAN e o imperialismo

Escreva para o boletim operário da Corrente Sindical Marxista – G. Lora para contribuir com denúncias, com matérias e com a organização sindical: correntesindicalmarxistaguillermolora@proton.me